



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

Julyane Ribeiro Rocha

**Espaços não formais de educação: uma percepção
docente no ensino-aprendizagem da criança na Educação
Infantil**

**Brasília-DF
2018**



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

Julyane Ribeiro Rocha

**Espaços não formais de educação: uma percepção
docente no ensino-aprendizagem da criança na Educação
Infantil**

Trabalho Final de Curso apresentado à
Banca Examinadora da Faculdade de
Educação da Universidade de Brasília,
como requisito parcial e insubstituível para
a obtenção do título de Pedagoga pela
Universidade de Brasília.

Orientador:

Prof. Dr. Hélio José Santos Maia

**Brasília-DF
2018**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

RJ94e

ROCHA, Julyane Ribeiro

Espaços não formais de educação: uma percepção docente no ensino-aprendizagem da criança na Educação Infantil / Julyane Ribeiro Rocha; orientador Hélio José Santos Maia. -- Brasília, 2018.

53 p.

Monografia (Graduação - Pedagogia) -
- Universidade de Brasília, 2018.

1. Educação infantil. 2. Educação não formal. 3. Aprendizagem. 4. Percepção docente. I. Maia, Hélio José Santos, orient. II. Título.

Espaços não formais de educação: uma percepção docente no ensino-aprendizagem da criança na Educação Infantil

Monografia apresentada à banca examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, como requisito parcial e insubstituível para obtenção do título de Graduação do Curso de Pedagogia da Universidade de Brasília.

Aprovado em

Prof. Dr. Hélio José Santos Maia – (FE/UnB)
Orientador

Profa. Dra. Paula Gomes de Oliveira - (FE/UnB)
Examinadora

Profa. Dra. Paula Maria Cobucci Ribeiro Dias - (FE/UnB)
Examinadora

Profa. Dra. Maria Helena da Silva Carneiro (FE/UnB)
Suplente

Dedicatória

*A todos que me acompanharam
nesta caminhada e a os futuros docentes da
Educação Infantil.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente a Deus, por ter me permitido chegar até aqui.

Agradeço aos meus pais e aos meus irmãos por todo apoio concedidos.

Agradeço ao meu esposo Rafael, pelo amor e carinho incondicional, pelo apoio e encorajamento constante nos momentos de fraqueza, pelo incentivo e ajuda durante toda a minha graduação.

A meu orientador, Prof. Dr. Hélio José Santos Maia que com sensibilidade e empatia aceitou esse desafio comigo, me ajudou grandemente e proporcionou momentos de aprendizagem durante a construção deste trabalho.

Agradeço aos professores, personagens da pesquisa, pela colaboração nas respostas dos questionários.

Aos demais professores e amigos da graduação, por compartilharam comigo saberes e por sonharem comigo a realização dessa etapa da minha vida acadêmica.

Obrigada!

“A escola tem como função social proporcionar o incremento do capital cultural do bebê e da criança pequena, trazendo o novo, o instigante em seu processo de humanização.”

(Currículo em Movimento – Educação Infantil, 2013, p. 25)

RESUMO

Os espaços não formais de educação, compreendidos como lugares fora do ambiente escolar, são locais que também podem se tornar cenários de educação e contribuir, auxiliar e/ou complementar a aprendizagem. O presente estudo objetivou examinar a intenção de professores da educação infantil quando estes propõem uma visita a um espaço não formal de educação, assim como identificar as dificuldades enfrentadas pelos professores para fazerem uso desses espaços. Para alcançar os objetivos proposto, o trabalho foi dividido em três capítulos. O primeiro aborda as delimitações de pesquisa; o segundo uma fundamentação teórica sobre educação não formal na educação infantil e por fim, no terceiro capítulo uma análise de dados e resultados. Para fundamentar teoricamente a pesquisa foram utilizados alguns teóricos, dentre eles: Ghon (2006), Garcia (2015), Jacobucci (2008), Libâneo (2010) e Oliveira (2011). O trabalho tem uma abordagem qualitativa e os instrumentos utilizados na pesquisa foram questionário e entrevista com professores da Educação Infantil, juntamente com uma análise bibliográfica do assunto em questão. Os resultados da pesquisa permitiram constatar que professores fazem uso de espaços não formais com foco na aprendizagem dos alunos, apesar de enfrentarem algumas dificuldades de gestão. Identificamos também como um ponto chave da pesquisa a importância da intencionalidade e planejamento para o uso de espaços não formais voltados para a educação. A visita a um zoológico, por exemplo, pode se tratar de uma educação formal em um espaço não formal, a depender da intencionalidade e planejamento da docente.

Palavras-chave: Educação infantil; Educação não formal; Aprendizagem; Percepção docente.

LISTA DE GRÁFICOS

- Gráfico 1 Respostas dos professores à questão: Você utiliza espaços fora da escola para suas atividades didáticas (museus, parques, jardim botânico, exposições...)?
- Gráfico 2 Respostas dos professores à questão: Você relaciona as visitas com o que os alunos estão estudando em sala de aula?
- Gráfico 3 Respostas dos professores à questão: Você considera que os alunos apresentam uma maior receptividade do conteúdo quando utilizado espaços não formais?

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CEB	Câmara de Educação Básica
CMB	Colégio Militar de Brasília
CNE	Conselho Nacional de Educação
DCNEI	Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil
GESTRADO	Grupo de Estudo sobre Política Educacional e Trabalho Docente
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
IPM	Instituto Paulo Montenegro
SEEDF	Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal
UnB	Universidade de Brasília
EI	Educação Infantil

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Definições de espaços formais, não formais e informais de acordo com conceitos teóricos	31
--	----

SUMÁRIO

MEMORIAL.....	13
INTRODUÇÃO.....	16
CAPÍTULO 1 - Delimitações da pesquisa.....	18
1.1. Justificativas	18
1.2. Objetivo Geral.....	20
1.3. Objetivos Específicos	20
1.4. Metodologia	20
CAPÍTULO 2 - Breves considerações sobre educação não formal na educação infantil, uma fundamentação teórica	23
2.1. Educação Infantil: a importância dos espaços de aprendizagens	23
2.2. Espaços Formal, Não Formal e Informal de Educação.	27
2.3. A utilização de contextos não formais de educação	33
CAPÍTULO 3 - Análise de dados e Resultados	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
PERSPECTIVAS FUTURAS	46
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	47
APÊNDICE	51

MEMORIAL

Todo mundo tem uma história de vida a contar, seja ela boa ou ruim, mas que certamente trouxe grandes aprendizados e proporciona uma grande reflexão. Severino (2007, p. 175) nos diz que o Memorial constitui uma autobiografia configurando-se como uma narrativa simultaneamente histórica e reflexiva. Desta forma, neste Memorial recorrerei a minha memória, procurando narrar brevemente os acontecimentos mais importantes, ou interessantes, da minha experiência escolar e acadêmica.

Nasci em 23 de dezembro de 1995, na cidade de Brasília. Estudo desde os meus 4 anos de idade, mas não possuo muita recordação da minha fase escolar na educação infantil, principalmente porque esta não foi feita somente em uma única escola. Filha de militar e devido sua profissão, eu e meus quatro irmãos tivemos algumas mudanças de escolas com a transferência de cidades e Estados. Porém, como já dito no início do texto, isso me serviu de experiências e muitos conhecimentos.

Quando conseguimos ficar em Brasília – Plano Piloto, estudei numa escola da rede pública, pertencente à mesma quadra em que nós morávamos. Eu diria que foi uma das fases da minha vida em que fui muito feliz. Minha escola era maravilhosa, fiz ótimos amigos para vida, tive professores exemplares e pude vivenciar momentos formidáveis fora do ambiente escolar.

No ensino fundamental II tive uma grande mudança na área escolar. Ingressei no Colégio Militar de Brasília (CMB), onde a realidade e exigência eram totalmente diferentes do que eu estava acostumada. Era uma escola muito mais rígida, com regras severas sobre vestuário e comportamento. Também encontrei dificuldades nos estudos, mas tive apoio dos professores para que conseguisse me adaptar e acompanhar os demais alunos.

Apesar desse choque, costumo dizer que não poderia ter estudado numa escola melhor e guardo no coração momentos únicos proporcionados por ela. Desde o acesso à laboratórios de ciências e biologia, a desfiles de 7 de setembro e troca da bandeira, aula de música e corpo de dança, como também viagens e competições de olimpíadas esportivas com outros colégios. Um privilégio cultural que felizmente

fez parte da minha vida e sem dúvidas influenciou o que me tornei hoje, sem falar que graças aos bons estudos que essa escola me proporcionou, consegui ingressar na universidade pública.

Desde cedo meus pais me incentivaram a ir atrás da minha independência e conquistar os meus próprios sonhos. A partir desse incentivo, procurei um estágio no início do meu ensino médio, pois sabia que me traria uma experiência necessária, me tornaria uma pessoa mais responsável, além do que me daria um norte em relação ao mercado de trabalho.

Meu primeiro estágio foi no Ministério da Educação, lugar de grande influência também pela minha escolha na graduação. Tive o privilégio de trabalhar no setor de recursos humanos e também no setor de mobilização social pela educação, onde me encantei com o papel das minhas chefes, ambas pedagogas, e com os demais colegas de setor que tinham como objetivo mobilizar a sociedade, principalmente em comunidades e municípios considerados prioritários no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB). Por lá fiquei até a minha conclusão do ensino médio e meu ingresso ao nível superior.

A decisão de ingressar na universidade, cursar Pedagogia, foi um grande passo e foi movida, também, pela vontade de ter uma educação melhor do que a dos meus pais. Ambos não possuem nível superior e, meu pai, concluiu o ensino médio recentemente.

Consegui passar no vestibular assim que conclui o ensino médio. Os primeiros contatos foram difíceis, pois se tratava de um ambiente totalmente novo. Foi um período de descoberta, tive medo, insegurança, dificuldade de me relacionar e adaptar à nova realidade de trabalhar durante o dia e estudar durante a noite. Sentimentos que me fizeram trancá-la por um ano e estudar para concursos públicos. Mas, não muito diferente, também me frustrei e voltei para a faculdade, decidida que o meu nível superior iria concluir.

Na volta à Faculdade de Educação iniciei os estágios obrigatórios. Eu diria minha melhor experiência em todo o curso. Estar em sala de aula e vivenciar tudo aquilo que por vezes não podia colocar em prática durante as disciplinas, me fez amar novamente o curso de Pedagogia e admirar a profissão. Também é importante mencionar que graças ao meu contato diretamente com a escola, especificamente a

sala de aula, pude ter um olhar diferente para a educação em espaços não formais de educação, ao vivenciar algumas visitas realizadas pelas professoras.

Olhando para trás, observando a retrospectiva da minha vida, sou grata por toda experiência e desafios que enfrentei. A Universidade de Brasília (UnB), sem dúvidas, faz parte de quem sou hoje e proporcionou uma vida repleta de oportunidades.

INTRODUÇÃO

Uma introdução, segundo Creswell (2010, p. 127) é a primeira passagem em um estudo de pesquisa acadêmico, onde se prepara o terreno para todo o estudo. Desvelar o que se passa no mundo real dos humanos e suas instituições é tarefa preciosa que a investigação tem por obra fazer. Nesse sentido, o presente trabalho tem a pequena pretensão de contribuir com mais um dado da realidade acerca da educação infantil e do uso por seus condutores, os professores do seguimento, de espaços não formais de educação.

Quando falamos em educação a imagem provável que vem em nossa mente é de uma escola, a sala de aula, alunos e professores. Mais precisamente conhecido como espaço formal, a escola é organizada com estrutura, plano de estudos e papéis bem definidos. Mas como estimular o aprendizado das crianças para além do muro da escola aproveitando os espaços não formais de educação? Lugares públicos oferecidos pela cidade e que podem despertar a curiosidade e estimular o aprendizado, se constituindo como mais uma possibilidade pedagógica distinta e não menos enriquecedora do que a que ocorre na escola.

O Currículo para a Educação Infantil, apresentado pela Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF), em meio a busca pela promoção das aprendizagens e do desenvolvimento integral da criança, cita a pretensão em “alcançar parcerias intersetoriais ao reconhecer que bebês e crianças pequenas não são monopólio da educação” (DISTRITO FEDERAL, 2013, p. 20). Aliado a isso, o uso de espaços não formais, pode, segundo Lorenzetti e Delizoicov (2001) proporcionar uma aprendizagem mais efetiva.

Afim de desenvolver o estudo proposto, o trabalho foi organizado em três capítulos. O capítulo 1, intitulado "*Delimitações da pesquisa*" são abordados sua justificativa, o problema da pesquisa, juntamente com seus objetivos e a descrição metodológica, procedimentos e instrumentos de geração de dados. No capítulo 2, intitulado "*Breves considerações sobre educação não formal na educação infantil, uma fundamentação teórica*", estão presentes elementos que delineiam a educação infantil do ponto de vista da sua institucionalização, conceitos para espaços formal, não formal e informal de educação em abordagens teóricas. Além de uma abordagem sobre a utilização de contextos não formais de educação. O capítulo 3,

com o título "*Análise de dados e Resultados*", são pontuadas as análises do que se obteve com os instrumentos de pesquisa. Por fim em "*Considerações Finais*" são feitas observações conclusivas sobre a pesquisa e perspectivas para melhorá-la.

CAPÍTULO 1

Delimitações da pesquisa

1.1. Justificativas

É sabido que o local mais propício para o desenvolvimento do conhecimento das crianças é o espaço escolar, que tem como um de seus focos transferir conhecimento e ensinar os conceitos básicos da vida em sociedade. Entretanto, diante da crescente necessidade de desenvolvimento do ensino de forma a propiciar uma abordagem mais dinâmica, a escola acaba por necessitar de apoio e da parceria de outras formas e locais de vivências educativas. Sendo assim, para que a aprendizagem seja mais significativa, ativa, problematizadora e crítica, faz-se necessário extrapolar os muros da escola, uma vez que existem ambientes que oferecem algum tipo de acolhimento técnico-científico focado em seu conteúdo específico, destinados a uma aprendizagem de forma mais dinâmica e interativa. Esses locais são ideais para promoção de conhecimentos que auxiliam no desenvolvimento da construção de aprendizagens e de saberes coletivos. A utilização destes ambientes combinados a aulas mais lúdicas e didaticamente interessantes pode promover uma aprendizagem eficiente na educação infantil, pois a possibilidade do ensino na prática, permite um alcance diferente do contexto formal.

O trabalho docente de modo geral e especificamente na Educação Infantil extrapola o que se faz na escola. Primeiro, porque o professor muitas vezes dedica parte do seu tempo a preparar aulas, materiais e elaborar atividades não necessariamente no ambiente escolar; segundo, porque ao pensar nessas ações pedagógicas, o professor pode contar com espaços não formais de educação e ao realizar atividades fora do ambiente escolar, sua intencionalidade é a melhor aprendizagem dos alunos.

Em relação às ocupações que assoberbam o professor, aponta Fleuri (2015, p. 54) que,

Ao mencionar que grande parcela dos docentes leva trabalho escolar para fazer em casa, o Gestrado¹ referenda a observação da Unesco de que os professores não têm suficiente tempo disponível para o trabalho de preparação e correção dos trabalhos escolares. Tal informação é reforçada pelo estudo do IPM², ao verificar que o conjunto de tarefas docentes (aulas, planejamento, avaliações, reuniões de coordenação, estudos de atualização, atendimento aos estudantes e a seus familiares, deslocamento para o trabalho) extrapola em muito a jornada de 40 horas semanais, deixando pouco tempo para o lazer, a cultura e a vida pessoal.

Diante do mencionado acima, pensar ações que envolvam espaços não formais de educação representa outro desafio do professor diante de um tempo tão atarefado. Mas, muitos fazem seus planejamentos contando com esses espaços com o intuito de ampliar os horizontes dos alunos.

Problema de pesquisa

A problemática da pesquisa realizada se insere na utilização de espaços não formais de educação. Diante da sua amplitude o tema a ser abordado atém-se ao uso de espaços não formais por professoras da educação infantil.

O propósito para realizar esta pesquisa partiu de respostas para questionamentos, como: Quais são os desafios de professores na escola básica, especificamente das séries iniciais, para o acesso e uso de espaços não formais? Como esses espaços não formais são utilizados? Dessa forma, realizei um estudo exploratório a fim de analisar e compreender os elementos que a principal questão de pesquisa me impôs: Qual a intenção das professoras da educação infantil quando propõem uma visita a um espaço não formal de educação? Outras perguntas subsidiárias também surgem quanto à viabilidade de execução e outros complicadores.

Intencionando a maior clareza possível nas suas finalidades a pesquisa pretende alcançar algumas metas. Desta forma, delimita-se a seguir seus objetivos.

¹ Grupo de Estudo sobre Política Educacional e Trabalho Docente da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) que produziu em 2010 uma sinopse survey nacional sobre o Trabalho docente na educação básica no Brasil (Gestrado, 2010).

² Instituto Paulo Montenegro (IPM), 2010. Ser professor: uma pesquisa sobre o que pensa o docente das principais capitais brasileiras.

1.2. Objetivo Geral:

- Analisar e compreender a intenção das professoras da educação infantil quando estas propõem uma visita a um espaço não formal de educação.

1.3. Objetivos Específicos:

- Analisar como professores participantes fazem uso do espaço não formal;
- Identificar as dificuldades enfrentadas pelos professores para fazerem uso desses espaços.

1.4. Metodologia

Para a elaboração de uma pesquisa, seja ela qualitativa, quantitativa ou de métodos mistos, deve-se haver um planejamento. Desde a revisão preliminar da literatura, a determinação do problema de estudo e a identificação das deficiências na literatura, precisa-se também intencionar um público e indicar a importância do problema para ele e identificar o objetivo do problema proposto, pois seria essa a justificativa que conduz a necessidade do estudo (CRESWELL, 2010).

O estudo trata, portanto, de investigação com professores da educação infantil do Distrito Federal e buscou analisar como são utilizados espaços não formais de educação, com que objetivo são utilizados e se é encontrada alguma dificuldade para isto.

Para alcançar os objetivos propostos, os quais o estudo pretende atingir, esta pesquisa se deu através de uma abordagem epistemológica qualitativa. Creswell (2010) manifesta que uma pesquisa qualitativa é uma pesquisa interpretativa que normalmente busca coletar dados no campo e no local em que os participantes vivenciam o problema que está sendo estudado e o pesquisador munir-se de instrumentos necessários para realizar a coleta pessoalmente dos dados, sejam eles por meio de exame de documentos, observação de comportamento ou de entrevista com os participantes.

Dessa forma, inicialmente houve um levantamento de documentos bibliográficos a respeito do que é e como se dá a educação nessa etapa da educação básica, avaliando principalmente o que propõe o Currículo em Movimento³. Com a finalidade de obter informações sobre se os professores da educação infantil fazem uso do espaço não formal de educação, principalmente voltado para o ensino-aprendizagem do aluno, como instrumento de pesquisa, consorciou-se um questionário com uma questão de entrevista. Segundo Sampieri, Collado e Lucio (2013, p. 235), questionário “talvez seja o instrumento mais utilizado para coletar os dados. Um questionário é um conjunto de perguntas a respeito de uma ou mais variáveis que serão mensuradas”. Para Gil (2011, pag. 11) entrevistas são técnicas de coleta de dados bastantes flexíveis que “visam abordar realidades pouco conhecidas pelo pesquisador, ou então oferecer visão aproximativa do problema pesquisado” e consiste em uma forma de interação social composta por duas partes, em uma delas coletam-se dados e na outra é considerada a fonte de informação ou sujeito de pesquisa. A fonte, nesse caso, é um grupo de 12 professores da educação infantil.

O objetivo desses instrumentos é obter elementos possíveis para responder o problema da pesquisa. Segundo Gil (2011), o levantamento de campo permite o acesso a informações de um grupo significativo de pessoas acerca do problema estudado. Já a pesquisa bibliográfica é constituída principalmente de livros e artigos científicos e tem como vantagem para o investigador uma visão mais ampliada sobre seu problema de pesquisa, podendo se “constituir em etapa inicial de um processo de pesquisa, seja qual for o problema em questão, com o objetivo de se ter um conhecimento prévio da situação em que se encontra um assunto na literatura da área” (FREGONEZE et al., 2014, p. 21).

Como já mencionado, os dados obtidos com os instrumentos, pelas respostas dos professores sobre como efetivamente se utilizam dos espaços não formais de educação para o fortalecimento do ensino, suas dificuldades e/ou facilidades, foram analisados e interpretados. Para a única pergunta aberta feita na entrevista, as percepções foram circunscritas em duas categorias: “Aplicabilidade prática da teoria”

³O Currículo em Movimento é o documento curricular oficial dos diversos segmentos de educação da Rede Pública do Distrito Federal. O Currículo para a Educação Infantil oferece norteadores que subsidiam as instituições na elaboração, desenvolvimento e avaliação do projeto político-pedagógico. Além de descobrir e explorar as possibilidades de qualificar, articular e reavaliar o trabalho já existente nas instituições educacionais.

e “Expansão dos horizontes”. Os instrumentos de geração de dados foram aplicados no segundo semestre de 2018, com professores de turmas variadas da Educação Infantil de várias escolas. Como material de suporte para a realização da pesquisa se utilizou questionário online do serviço Google Formulários e a entrevista aos professores com uma única questão para não ocupar muito o tempo já tão demandado das professoras que gentilmente permitiram a pesquisa.

Desse modo, pode-se obter uma visão ampla do problema. Os cuidados éticos foram atentados no procedimento da pesquisa, respeitando o anonimato da escola e dos participantes.

CAPÍTULO 2

Breves considerações sobre educação não formal na educação infantil, uma fundamentação teórica

2.1. Educação Infantil: a importância dos espaços de aprendizagens

A educação infantil configurou-se como primeira etapa da educação básica muito recentemente e a partir daí são vários os esforços para organizar suas atividades e os ambientes da creche e pré-escola numa tentativa de justificar o aprendizado das crianças e a qualidade das instituições na oferta da educação infantil.

Essa primeira etapa da educação básica “tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade” (BRASIL, 1996, art. 29). A educação infantil, de acordo com a Constituição Federal (Brasil, 1988), é dever do Estado e da família e deve ser “oferecida em creches, ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade e pré-escolas, para as crianças de 4 (quatro) a 5 (cinco) anos de idade, em jornada de tempo integral ou parcial” (BRASIL, 1996, art. 30).

A educação infantil, em muitos casos, caracteriza-se pela iniciação da criança a ambientes diferentes ao familiar e é assim que, nos últimos anos, a face educativa tem sobressaído aos aspectos de cuidados inerentes a esta etapa da educação. Neste sentido, a Base Nacional Curricular Comum – BNCC, se apoia nas atuais Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI) que define

a criança como um sujeito histórico e de direitos, que interage, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura” (DCNEI — Resolução CNE/CEB no. 05/09, artigo 4).

Emerge então a primeira razão para afirmar-se que na educação infantil, o espaço escolar é ambiente de aprendizagem e de desenvolvimento da criança e ao mesmo tempo, um elemento curricular, uma vez que é nesse espaço que elas criam

suas relações afetivas e aprendem, de maneira relacional, as práticas linguísticas e culturais de seu entorno (BRASIL, 2017).

Portanto, nessa fase, todo contato social é educativo (LISBOA, 2015), e o espaço configura-se como ambiente de aprendizagem e elemento curricular complementares um ao outro no objetivo de propiciar práticas de “leitura de mundo” a estas crianças, ou seja, de linguagens. Considerando que o currículo acontece na “articulação dos saberes e das experiências das crianças com o conjunto de conhecimentos já sistematizados pela humanidade, ou seja, os patrimônios cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico.” (BRASIL, 2010, Art. 3o).

Concordamos com Campos (apud CAMPOS; COELHO; CRUZ; 2006, p. 15) em sua afirmação de que

o direito à educação infantil, inclui tanto o acesso quanto a qualidade da educação oferecida. Mais ainda, como primeira etapa da educação básica, seria preciso questionar qual a educação que se almeja para a construção de uma sociedade mais democrática e solidária e até que ponto a educação infantil que chega aos diversos segmentos sociais respondem às exigências contemporâneas de aprendizagem e respeita o direito de crianças e profissionais de se desenvolverem como seres humanos.

Mais uma razão surge ancorada aos direitos de aprendizagem das crianças que “derivam dos eixos das interações (conviver e participar), da brincadeira (brincar e explorar) e da construção identitária (conhecer-se e expressar)” a às DCNEI's pois colocam as experiências das crianças como elementos fundamentais na construção de ambientes favoráveis a significação e a apropriação da cultura pelas crianças, por meio de interações no espaço coletivo, e da produção de narrativas, individuais e coletivas, a partir de diferentes linguagens.

Os espaços onde ocorrem estas transformações são intencionalmente organizados como espaços que promovem o conhecimento sistematizado, o curricular e acabam por facilitar o desenvolvimento da criança em si, constituindo-se como espaços de aprendizagens imbricados uns aos outros, pois além da expectativa do professor, há o significado que o lugar representa para a criança, evidenciado na pesquisa de Rita de Cássia Martins, A organização do espaço na Educação Infantil: o que contam as crianças? que considera

a ludicidade, a afetividade, o reconhecimento das regras de convivência social, a curiosidade e imaginação, podem ser considerados elementos constitutivos da infância, por meio dos quais as crianças atribuem significados e sentidos ao espaço institucional que frequentam. (Martins, 2011, p. 38).

O espaço escolar configura-se como ambiente de aprendizagem e de desenvolvimento da criança e ao mesmo tempo, um elemento curricular nos campos de experiências em que a BNCC se organiza, sendo eles: “O eu, o outro e o nós”; “Corpo, gestos e movimentos”; “Traços, sons, cores e imagens”; “Escuta, fala, linguagem e pensamento”; “Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações” e fica evidente que por mais que exista um campo dedicado ao conhecimento dos diferentes espaços, todos eles e os outros se entrosam entre si, o que implica uma unidade entre os mesmos e destes com a complexidade do todo que é a criança.

Outra razão está na perspectiva do professor, pois,

dependendo da maneira como o educador organizar todo o espaço em sala poderá dificultar ou favorecer a interação entre as crianças e educador. O planejamento das atividades e da organização adequada do espaço possibilita a participação e interação das crianças durante a prática educativa. (Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, 1998, p. 58)

Portanto cabe ao educador planejar e refletir sobre o espaço educativo adequado, sendo acolhedor, sociável, e contribua à criança na sua rotina diária interligando conhecimentos de família, escola e sociedade. (SCHMITZ e SKRSYPCSAK, 2015).

Acreditar que o espaço escolar é um ambiente de aprendizagem e de desenvolvimento da criança e ao mesmo tempo, um elemento curricular, pressupõe a não neutralidade dos mesmos e a sua indissociabilidade, uma vez que contribuem para o desenvolvimento das habilidades básicas do ser humano o que Tiriba (2008, p. 50) nomeia de ecologia social, e

o [...] desafio está em qualificarmos as relações entre adultos e crianças, criando espaços e rotinas que favoreçam sentimentos de amizade, companheirismo, e solidariedade, entendendo que estes são

sentimentos que precisam ser aprendidos e exercitados no cotidiano, são conteúdos que precisam ser introduzidos em nosso planejamento de trabalho.

De acordo com as DCNEI, as práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular desta etapa devem ter como eixos norteadores interações que buscam garantir experiências que “incentivem a curiosidade, a exploração, o encantamento, o questionamento, a indagação e o conhecimento das crianças em relação ao mundo físico e social, ao tempo e à natureza”. (BRASIL, 2010, p. 26).

Portanto, a fim de que a Educação Infantil seja vista como espaço privilegiado de aprendizagens, é necessário que seja oferecida ao aluno a oportunidade de compartilhar saberes, de reorganizar e recriar suas experiências, dado que a criança é “um ser que vai constituindo-se nas e pelas relações objetivas e subjetivas de sua trajetória no mundo.” (DISTRITO FEDERAL, 2013, p. 24). Somado a isso, na medida em que as instituições de ensino também acolherem as experiências externas a esse ambiente trazida a partir da trajetória social das crianças, tem por consequência a ampliação, diversificação e consolidação de novas aprendizagens (BRASIL, 2017). Contudo, Oliveira (2011) ressalva que para que isso aconteça, o espaço de desenvolvimento das atividades não pode ser somente as salas de aula, pois

O ambiente das creches e pré-escolas pode ser considerado um campo de vivências e explorações, zona de múltiplos recursos e possibilidades para a criança reconhecer objetos, experiências, significados de palavras e expressões, além de ampliar o mundo de sensações e percepções. Funciona esse ambiente como recurso de desenvolvimento, e, para isso, ele deve ser planejado pelo educador, parceiro privilegiado de que a criança dispõe. (OLIVEIRA, 2011, p. 197)

Dessa forma entende-se que a Educação Infantil é a etapa onde as crianças naturalmente desenvolvem interações com o meio mediante a exploração, investigação, experimentação e consequentemente

demonstra, de forma mais genuína, a capacidade de maravilhar-se diante da vida: questiona como acontece o dia, a noite, como nasce o sol, como a lua aparece, adora pequenos e grandes animais, fica embevecida com o mundo e muitos destes fenômenos observados são traduzidos como elementos de magia e mistério, compondo um quadro

necessário para que a criança possa dar uma explicação plausível acerca de determinados acontecimentos. (PINHAS, 2013, p. 92).

Porém, analisar os contextos educacionais e seus conceitos, representa um desafio na educação infantil, pois podemos fazê-lo na ótica da educação escolar dos outros níveis e as dinâmicas de estruturação para a pré-escola são outras. Segundo Gonzalez-Mena (2015, p. 361),

Ao contrário da educação dos níveis mais adiantados, a educação infantil não pode ser bem dividida em “matérias distintas”. Quando você vê crianças ocupadas em uma sala de aula na pré-escola ou em um centro de cuidado domiciliar, por exemplo, você até poderia tentar definir o que elas estão fazendo por meio das disciplinas tradicionais, mas poderia estar errado.

Assim, a expressão das crianças por meio de modelagem em argila ou massinha, por exemplo, pode induzir a uma análise no campo da educação artística, mas, ela bem pode estar representando uma estrutura do seu corpo. As interfaces das áreas dentro da educação infantil não são tão delimitadas assim e o nível de experiência que proporcionam é diversificado. Por se tratar de crianças especificamente, as aprendizagens ocorrem o tempo todo não importando os espaços. Como menciona Almeida e Mahoney (2004, p. 19) “a aprendizagem, como um dos motores do processo de desenvolvimento, também é um processo contínuo, constante, em aberto. Ao se relacionar com o meio humano e físico, a criança está sempre aprendendo”. Nesse sentido, no próximo item discutiremos elementos que caracterizam os espaços formais, não formais e informais de educação.

2.2. Espaços Formal, Não Formal e Informal de Educação

Quando se inicia qualquer discussão acerca dos contextos educacionais, delimitar conceitualmente o espaço formal de educação talvez seja o mais fácil, pois, envolve a existência de espaços adequados voltados para a aprendizagem escolar, sejam público ou privados, que pressupõem a existência de currículos regulamentados pelo Estado e com a chancela desse, se processa de modo regular e hierárquico, sobretudo na progressão em graus que os indivíduos vão alcançando, obedecendo aos ditames de um criterioso trabalho coletivo e individual de planejamento metodológico e pedagógico para o alcance intencional de objetivos

determinados. Os espaços formais também se caracterizam pela construção em cima da disciplinarização onde os conteúdos se inscrevem, embora se busque integrações disciplinares em alguns sistemas, se processam de modo gradual e contínuo na contemplação de conteúdos que vão se tornando também complexos. Contudo, antes de trazer as definições de alguns teóricos sobre “Espaços Formal, Não Formal e Informal de Educação”, se faz necessário frisar a diferenciação entre a educação formal, não formal e informal, a fim de compreender a respeito da educação empregada em espaços não formais.

Na definição clássica de Coombs e Ahmed (1974) a educação formal refere-se àquela institucionalizada, graduada cronologicamente e hierarquicamente estruturada em sistemas educacionais, expandindo a partir da escola primária até a universidade. Para Gohn (2006) o que diferencia a educação formal das demais, é o fato de ela acontecer dentro da escola. Em suma, a educação formal pratica-se nas instituições formais de educação da pré-escola à universidade que conferem certificação e diplomas validados pelo Estado e aceitos pela sociedade ao término de cada nível.

Já o termo “Educação não formal”, segundo Garcia (2015, p.47), passou a ser usado no Brasil na década de 1980, sendo entendida como uma extensão da educação formal e com intuito de designar ações do campo educacional, mas de maneira sutil e discreta, tornando-se mais presente somente a partir da década de 1990. Garcia (2015) afirma ainda que “o Brasil desenvolve atividades e ações no campo da educação não formal há muito tempo, sem, no entanto, denominá-las com essa terminologia”, mas com terminologias diferentes, como educação fora da escola e educação extraescolar por exemplo.

A educação informal trata-se daquela adquirida de forma natural ou até mesmo “acidental”, no dia-a-dia, seja em casa, no trabalho ou no lazer, sem que haja uma intencionalidade de aprendizagem (BIANCONI; CARUSO, 2005).

De acordo com Gohn (2006, p. 28), como definição de ambas as educações temos também que

a educação formal é aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdos previamente demarcados; a informal como aquela que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização - na família, bairro, clube, amigos etc., carregada de valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimentos herdados: e a educação

não formal é aquela que se aprende “no mundo da vida”, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos cotidianas.

A definição de Gohn acontece de forma muito semelhante ao que o projeto europeu “Motivar os adultos para a aprendizagem – MAPA” adotou para definir a educação formal, não formal e informal, tendo como objetivo nesse projeto, melhorar, auxiliar e reforçar o ensino de adultos com baixo nível de escolarização. Eles definiram como:

Aprendizagem formal: decorre em instituições de ensino e formação e conduz a diplomas e qualificações reconhecidos.

Aprendizagem não formal: decorre em paralelo aos sistemas de ensino e formação e não conduz, necessariamente, a certificados formais. A aprendizagem não formal pode ocorrer no local de trabalho e através de atividades de organizações ou grupos da sociedade civil (organizações de juventude, sindicatos e partidos políticos). Pode ainda ser ministrada através de organizações ou serviços criados em complemento aos sistemas convencionais (aulas de arte, música e desporto ou ensino privado de preparação para exames).

Aprendizagem informal: é um acompanhamento natural da vida quotidiana. Contrariamente à aprendizagem formal e não formal, este tipo de aprendizagem não é necessariamente intencional e, como tal, pode não ser reconhecida, mesmo pelos próprios indivíduos, como enriquecimento dos seus conhecimentos e aptidões. (MORAND-AYMON, 2007, p. 11).

Gohn (2006), afirma que a educação não formal e educação informal são sinônimas por ambas tratarem-se da educação fora do ambiente escolar. Cazelli (apud PORTO; ZIMMERMANN; HARTMANN, 2010, p. 34) acrescenta que até mesmo a educação informal resulta em aprendizados, visto que esta trata-se de um

processo permanente pelo qual qualquer pessoa adquire e acumula conhecimentos, habilidades, atitudes e perspicácia, através de experiência diária em contato com o meio ambiente, em casa, no trabalho e no lazer, através do exemplo e das atitudes dos parentes e amigos; por meio de viagens, leituras de jornais e livros; ou ouvindo rádio, vendo filmes e televisão.

Vencida explanação de que mesmo na educação não formal e na informal existe aprendizado, Libâneo (2010) coloca que as práticas educativas não se restringem somente à escola, pelo contrário, ocorrem em todos os contextos e âmbitos da existência individual e social humana, de modo institucionalizado ou não, sob várias modalidades e o que deve ser considerado nesse caso é a

intencionalidade. Ou seja, percebe-se que, apesar de existir uma clara diferenciação entre a educação formal, não formal e informal, todas podem apontar no sentido da intencionalidade da ação, das iniciativas de oportunidades de aprendizagens. No caso da educação informal, não há intencionalidade, mas a educação formal e não formal sim e, quando intencionalizadas, podem alcançar o mesmo objetivo, de forma a propiciar um ensino significativo, independente de qual espaço for utilizado para tal.

Percebe-se que ao definir os tipos de educação, consequentemente, citamos em que espaços elas ocorrem, mas o que diferencia os espaços formais, não formais e informais? Ghon (2006) define esses espaços como:

Na educação formal estes espaços são os do território das escolas, são instituições regulamentadas por lei, certificadoras, organizadas segundo diretrizes nacionais. Na educação não formal, os espaços educativos localizam-se em territórios que acompanham as trajetórias de vida dos grupos e indivíduos, fora das escolas, em locais informais, locais onde há processos interativos intencionais (a questão da intencionalidade é um elemento importante de diferenciação). Já a educação informal tem seus espaços educativos demarcados por referências de nacionalidade, localidade, idade, sexo, religião, etnia etc. A casa onde se mora, a rua, o bairro, o condomínio, o clube que se frequenta, a igreja ou o local de culto a que se vincula sua crença religiosa, o local onde se nasceu, etc. (p. 29)

Jacobucci (2008, p. 56) traz que:

o espaço formal é o espaço escolar, que está relacionado às Instituições Escolares da Educação Básica e do Ensino Superior, definidas na Lei 9394/96 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. É a escola, com todas as suas dependências: salas de aula, laboratórios, quadras de esportes, biblioteca, pátio, cantina, refeitório. [...] espaço não formal é qualquer espaço diferente da escola onde pode ocorrer uma ação educativa.

A autora ainda explica que os espaços não formais podem ser categorizados em “Instituições” e “Não Instituições”, aclarando da seguinte forma:

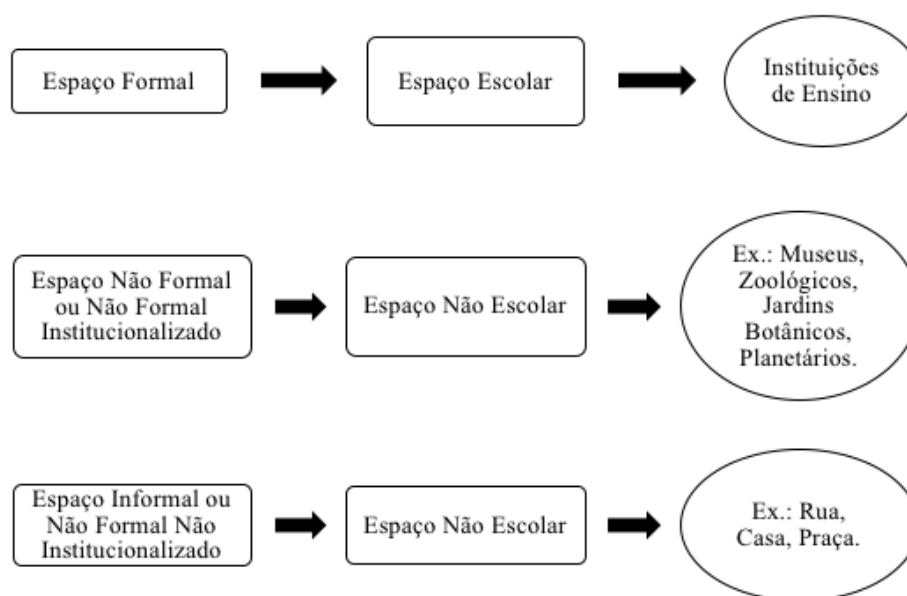
Na categoria Instituições, podem ser incluídos os espaços que são regulamentados e que possuem equipe técnica responsável pelas atividades executadas, sendo o caso dos Museus, Centros de Ciências, Parques Ecológicos, Parques Zoobotânicos, Jardins Botânicos, Planetários, Institutos de Pesquisa, Aquários, Zoológicos, dentre outros. Já os ambientes naturais ou urbanos que não dispõem de estruturação institucional, mas onde é possível adotar práticas

educativas, englobam a categoria Não Instituições. Nessa categoria podem ser incluídos teatro, parque, casa, rua, praça, terreno, cinema, praia, caverna, rio, lagoa, campo de futebol, dentre outros inúmeros espaços.

Com isso, tem-se que a definição de espaços informais e espaços não formais não institucionalizados é a mesma, visto que, essas conceituações se referem aos ambientes como a rua, a casa, a praça, etc.

O Quadro 1 exemplifica esses conceitos vistos acima.

Quadro 1 - Definições de espaços formais, não formais e informais de acordo com conceitos teóricos



Fonte: Jacobucci (2008, p. 57) com adaptações.

Entender o que é afinal um espaço não formal de educação se reveste de grande importância, sobretudo no universo infantil. Medrich et al. (1982), apontava naquela época que 85% do tempo das crianças quando acordadas era despedido fora do ambiente de sala de aula. Embora atualmente possam-se considerar os novos enquadramentos trazidos pelo ensino integral, não é de se desconsiderar esse dado. Portanto, o trânsito das crianças fora da escola, se reveste de grande importância para se analisar como aprendem nesses ambientes e o que aprendem nesses contextos.

Com isso, o uso desses espaços não formais sejam eles institucionalizados ou não, também podem se tornar cenários de educação intencional. Na educação

infantil, por exemplo, por vezes professores recorrem a supermercados com seus alunos a fim de instigar saberes matemáticos, como também vivenciar o dia a dia da sociedade, ou qualquer outra intenção educacional que ele considere relevante naquele lugar. Oliveira e Gastal (2009, p. 6) afirmam que:

existem outros ambientes, cuja função principal não está relacionada com a educação não formal, mas que, da mesma forma, são passíveis de utilização como “cenário” para propostas provenientes do ensino formal, ou seja, também podem funcionar como extensões para atividades escolares, tais como fábricas, centros comerciais (como shoppings e feiras alimentícias), praças de alimentação, pedreiras, mineradoras, pesque-pague, clubes, entre outras grandes organizações particulares e sociais, bem como representações públicas.

Ou seja, mesmo que o ambiente se caracterize como um espaço não formal de educação, pode ser utilizado para uma educação formal, visto que “os espaços associados à educação não formal são os mais utilizados como extensões para práticas de educação formal.” (OLIVEIRA; GASTAL 2009, p. 6).

Oliveira (2011, p. 14) acrescenta ainda:

A relação com o espaço onde transcorre o processo educacional é comumente empregada na diferenciação dos conceitos de educação formal, não formal e informal. Entretanto, outros determinantes também são utilizados, tais como a questão do meio onde o processo educativo ocorre, a relação entre os sujeitos envolvidos no processo, a existência de intencionalidade didática, a utilização de metodologias e técnicas específicas para a execução, bem como de procedimentos didáticos e avaliação de aprendizado, a sistematização e organização submetida a diretrizes institucionais, entre outros.

Emerge então a razão para afirmar que espaços não formais, desde que utilizados de forma intencional, são ferramentas didáticas diversificadas de ensino formal, principalmente quando utilizado para o aprendizado no ensino infantil, já que a aprendizagem infantil acontece a todo momento, principalmente quando há planejamento e direcionamento dessas aprendizagens (Currículo em Movimento da Educação Básica: Educação Infantil). (DISTRITO FEDERAL, 2013).

2.3. A utilização de contextos não formais de educação

Numa tentativa de obter-se maior atratividade e, por conseguinte, resultados satisfatórios, a educação vem ganhando novos contornos com configurações tecnológicas, estratégias didáticas, metodologias inovadoras que se tornaram aliadas ao processo educativo e contornam o tradicionalismo de sala de aula. De acordo com Kramer (apud Currículo em Movimento da Educação Básica: Educação Infantil, DISTRITO FEDERAL, 2013, p. 34):

O trabalho pedagógico em Educação Infantil, da maneira como o entendo, não precisa ser feito sentado em cadeiras; o que caracteriza o trabalho pedagógico é a experiência com o conhecimento científico e com a literatura, a música, a dança, o teatro, o cinema, a produção artística histórica e cultural que se encontra nos museus, a arte. Esta visão do que é pedagógico ajuda a pensar um projeto que não se configura como escolar, feito apenas em sala de aula. O campo pedagógico é interdisciplinar, inclui as dimensões ética e estéticas.

Os espaços não formais, como já explicado anteriormente, possui significado diferente do ambiente escolar, pois são locais voltados também, e principalmente, para o lazer. Mas estes, ao serem vistos com um olhar para além das diversões, podem colaborar para a promoção de conhecimentos e consequentemente facilitar a aprendizagem. Segundo Oliveira (2011), o uso de espaços não formais é visto como uma opção de ambiente que possibilita uma prática a mais de ensino e que podem promover aprendizagem. Ele coloca ainda que

esses diversos espaços não formais possuem características intrínsecas que, em seus diferentes contextos, exibem alguma relação direta ou indireta com os conteúdos das disciplinas escolares, permitindo a difusão de conhecimentos muitas vezes pouco encontrados nos espaços escolares. (p. 17).

Porto, Zimmermann e Hartmann (2010), em seu estudo de caso em que abordam sobre a aprendizagem em espaços não formais, afirmam que o indivíduo, enquanto estudante, tem a oportunidade de adquirir conhecimentos que auxiliem a compreender e interpretar situações do cotidiano em que está inserido, como também a tomar decisões conscientes diante dessas situações. Contudo, colocam que a escola por si só não dá conta dessa tarefa e nesse caso, o uso de espaços não formais pode contribuir para suprir tal necessidade, dado que:

os espaços de educação não formal podem desempenhar um papel educativo importante, pois podem complementar as atividades e o aprendizado escolar, despertando o interesse por temas científicos e tecnológicos da população em geral. Os espaços de educação não formal têm condições de alcançar tanto as crianças e os jovens que frequentam a escola, como os jovens e adultos que se encontram fora do sistema escolar. (p. 29).

É de fundamental importância que a criança tenha contato com a natureza em que está inserida para conhecer e interpretar o universo ao seu redor. Para PRETTO, (1995, p. 19), “o conhecimento científico é uma maneira de se interpretar os fenômenos naturais; a ciência é parte integrante da cultura; a ciência faz parte da história das diferentes formas de organização da sociedade”. Dessa forma, pode-se compreender que a ciência nada mais é que um elemento cultural, uma vez que os conhecimentos científicos se desenvolvem em grande parte na nossa sociedade.

O Currículo em Movimento – E.I. afirma que é necessário que as instituições, em seu projeto político-pedagógico e em suas práticas “incentivem a curiosidade, a exploração, o encantamento, o questionamento, a indagação e o conhecimento das crianças em relação ao mundo físico e social, ao tempo e à natureza;” (DISTRITO FEDERAL, 2013, p. 31). Para isso podemos ir muito além do espaço formal escolar em si. Segundo Queiroz et al (2011), o uso de espaços não formais, como museus, zoológicos, entre outros, são espaços que possuem regulamentação e recurso humano técnico científico qualificado responsável pelo planejamento e execução de atividades educativas desenvolvidas por esses ambientes. Contudo, se faz necessário que o professor conheça antecipadamente a realidade do ambiente e elabore um planejamento da aula a ser desenvolvida no local, uma vez que, apesar do ambiente apresentar um bom potencial pedagógico, é preciso suprir a infraestrutura encontrada no ambiente escolar.

Para que a visita a espaços não formais não seja banalizada, o planejamento é essencial. Nesse sentido, se faz necessário que o professor faça uma visita prévia a esses espaços para que tenha um planejamento. Esse estudo antecipado pode fazer com que o professor perceba se os objetivos de aprendizagem que ele pretende atingir ao visitá-los podem ser alcançados, uma vez que o docente, como educador precisa ter metas previstas para serem alcançadas após essas saídas.

Segundo Oliveira (2011) não são os espaços que determinam a educação, uma vez que “podem ocorrer em espaços formais e não formais de educação,

considerando aqui espaços formais como equivalentes a ambientes escolares e espaços não formais como qualquer lugar externo à escola” (p. 15), mas sim a intenção dos professores quando determinam a utilização desses espaços.

Conforme Libâneo (2002, p. 33), o campo educativo é bastante vasto, uma vez que ocorre em muitos lugares e sob variadas modalidades, tratando-se, portanto, de um conjunto de práticas educativas. Porém Libâneo (1994, p. 120) afirma que não há prática educativa sem objetivos. Confirma-se, portanto, a necessidade de uma organização docente. Apesar de ser algo que demanda tempo e esforço, o Currículo em Movimento da Educação Infantil (DISTRITO FEDERAL 2013, p. 40) ressalta que o planejamento, o acompanhamento e a avaliação do que for proposto, para e com seus alunos, devem convergir para um bem comum que é a atividade significativa para a criança. A BNCC declara que o planejamento somado a outras ações, como mediar as práticas e as interações, contribui para o desenvolvimento pleno da criança. Adjunto está a necessidade da intencionalidade educativa nessas práticas, visto que esta constitui-se de

organização e proposição, pelo educador, de experiências que permitam às crianças conhecer a si e ao outro e de conhecer e compreender as relações com a natureza, com a cultura e com a produção científica, que se traduzem nas práticas de cuidados pessoais (alimentar-se, vestir-se, higienizar-se), nas brincadeiras, nas experimentações com materiais variados, na aproximação com a literatura e no encontro com as pessoas. (BRASIL, 2017, p. 37).

Embora a educação não formal seja estudada em diversos contextos, possivelmente, sua aplicação e visibilidade ocorra mais no universo da Educação de Jovens e Adultos em função da existência abundante de programas que atendem a esse segmento da educação básica, sobretudo atrelados a movimentos da sociedade civil. Isso nos permite constatar que a inserção de educação não formal na Educação de Jovens e Adultos representa conquistas de movimentos sociais reivindicatórios. Mas, e a educação infantil? Como se insere nessa problemática? Embora se entenda também que o status de educação infantil seja uma conquista de movimentos feminista, muitas lutas ainda são travadas para a solidificação desse segmento no universo educacional.

Segundo Park e Fernandes (2015) ao comparar a Educação de Jovens e Adultos à educação infantil,

Ainda que se considerem as diferenças de lutas e de trajetórias - uma vez que a institucionalização da escola para crianças pequenas, acima de 3 anos, é uma conquista do movimento feminista, enquanto a creche tem suas origens nas atividades filantrópicas -, o que se percebe, no início, é que esses atendimentos não eram considerados direitos. Apesar de já promovem ações educacionais, não faziam parte das políticas públicas e da legislação educacional do país. (p. 64).

Em busca da consolidação da educação infantil e o uso de espaços não formais de educação para o seu fortalecimento, “a existência de leis específicas para o oferecimento de ações fora da escola não garante a real existência de projetos nessa área” (PARK & FERNANDES, 2015, p. 52). Possivelmente, a utilização desses espaços represente esforço de iniciativa individual de professores ou da gestão de determinada escola.

Esses espaços não formais permitem uma adequação maior do que a escola faz em relação ao tempo em que o sujeito vive. O indivíduo aprende num determinado espaço e tempo do mundo, onde se tem uma sociedade com valores que mudam de tempos em tempos, com recursos tecnológicos que também sofreram mudanças. As próprias Diretrizes Curriculares Nacionais Para a Educação Infantil em suas concepções de propostas pedagógicas nos diz sobre promover “a igualdade de oportunidades educacionais entre as crianças de diferentes classes sociais no que se refere ao acesso a bens culturais e às possibilidades de vivência da infância.” (BRASIL, 2010, p. 17). Também, referencia a importância do incentivo a “curiosidade, a exploração, o encantamento, o questionamento, a indagação e o conhecimento das crianças em relação ao mundo físico e social, ao tempo e à natureza;” (p. 26).

A LDB – Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, retrata sobre a valorização da experiência extracurricular da seguinte forma:

A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social. (BRASIL, 1996, Art. 1).

Confirma-se então como o uso desses espaços são verdadeiros estímulos e motivadores para o desencadeamento de todo um processo biológico que

caracteriza a aprendizagem. Lorenzetti e Delizoicov (2001, p. 51) relata que “as atividades pedagógicas desenvolvidas que se apoiam nestes espaços, aulas práticas, saídas a campo, feiras de ciências, por exemplo, poderão propiciar uma aprendizagem significativa contribuindo para um ganho cognitivo”.

Eshach (2007) aponta que as experiências de vida das crianças, tanto na escola como fora dela, têm profundos efeitos sobre suas realizações na escola e na sua atuação na sociedade. Museus, zoológico, centros produtores de ciências podem ser citados como exemplos de instituições não escolares onde pode ocorrer o desenvolvimento de aprendizagens. Lorenzetti e Delizoicov (2001) complementa que caso a escola não possa proporcionar informações científicas que os alunos necessitam, pode oportunizar iniciativas para que os alunos saibam onde e como encontrá-los. O Currículo em Movimento da Educação Infantil afirma também que “as aprendizagens infantis acontecem a todo o momento e, principalmente, quando há organização e condução para tal” (DISTRITO FEDERAL, 2013, p. 38). Podemos afirmar então que o professor ao conduzir o aluno a espaços não formais de educação, pode provocar a incentivar motivações que, conseqüentemente, proporcionará situações nas quais o aprendizado seja significativo para a criança (Porto; Zimmermann; Hartmann, 2010).

A forma de aprender, do ponto de vista do processo de aprendizagem, não é tão diferente de como era antigamente, mas o contexto em que se aprende e a vida pra qual se aprende, ela muda com o passar do tempo. Trabalhar o contexto da escola em outro contexto é um desafio, entretanto os espaços não formais constituem fontes que podem promover uma ampliação do conhecimento dos educandos, caso esse tenha a intenção de usar esse momento como incentivador para a aprendizagem do aluno, pois:

Durante as visitas aos museus, e as outras formas de saídas a campo, atividades práticas, os alunos aprendem por meio da interação que se estabelece com os professores, com os adultos, contando com a disposição de objetos e com a relação entre experiência e o seu conhecimento. Desta forma, ao retornarem à escola, os professores ao sistematizarem este conhecimento possibilitam o seu aprofundamento e a construção de outros saberes. (LORENZETTI E DELIZOICOV, 2001, p. 55).

O entretenimento, a diversão, o lúdico é essencial para o desenvolvimento da criança. Mas nem sempre o lazer precisa ser o mais enfatizado nas atividades fora

do contexto escolar. Saber compilar a diversão com a aprendizagem é tarefa fundamental da escola e o docente, de modo a propiciar ao aluno um ganho no significado do conhecimento que está sendo apropriado. Então, a preparação anterior, a interação dos professores com esses espaços, permite um melhor aproveitamento da saída de campo. Ao integrar os trabalhos da sala de aula com a saída a espaços não formais, pode-se acrescentar, certamente, mais significado ao aluno visto que

através das saídas a campo, os alunos estarão realizando observações diretas, contribuindo para a alfabetização científica, na medida em que permitem, de modo sistemático, mediar o uso dos conhecimentos para melhor compreender as situações reais. Os alunos acabam utilizando todos os sentidos e não apenas a observação visual. (LORENZETTI E DELIZOICOV, 2001, p. 55)

Mas como podemos afirmar que esses espaços podem oferecer um ensino tão diferente da sala de aula? O fato de não estar preso a uma mesa e cadeira, a estimulação sensorial que a sala de aula frequentemente não dá, além de interagir com o outro e fazer perguntas na hora exata em que a dúvida está acontecendo, são questões que podem ser consideradas relevantes para traçar tamanha diferença e afirmar que é uma experiência rica para a mobilização do sistema nervoso do indivíduo em relação àquele contexto, uma vez que desencadeia vários tipos de emoção, tanto relacionado aos conteúdos específicos desses espaços, como também a emoções relacionadas ao que o indivíduo está sentindo na relação com outras pessoas presentes, também no momento em que ele se depara com algo desconhecido e surge a emoção da curiosidade. É extremamente ativador para o desenvolvimento, se usado de maneira intencional pelo professor.

Vale ressaltar que “a educação não formal não pode ser encarada como uma alternativa salvadora aos problemas encontrados no campo da educação formal” (GARCIA, 2015, p. 53). O ambiente escolar, mais precisamente na educação infantil, conforme traz o Currículo em Movimento – E.I., devem ser organizados em função dos interesses das crianças e suas necessidades.

CAPÍTULO 3

Análise de dados e Resultados

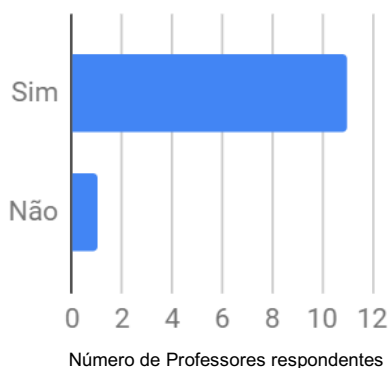
Com o propósito de alcançar os objetivos estabelecidos, utilizamos as informações construídas e distribuídas em categorias de análise. A partir dos questionários e de uma questão de entrevista, obtivemos dados significativos que contribuem para nossa pesquisa. Segundo Gil (2011, p. 156)

A análise tem como objetivo organizar e sumariar os dados de forma tal que possibilitem o fornecimento de respostas ao problema proposto para a investigação. Já a interpretação tem como objetivo a procura do sentido mais amplo das respostas, o que é feito mediante sua ligação a outros conhecimentos anteriormente obtidos.

Os sujeitos participantes da entrevista trataram-se de 12 docentes da educação infantil, de ambos os sexos e de formação na área de pedagogia. Sendo assim, a seguir descreverei resultados do questionário realizado:

Inicialmente ao serem questionados sobre a utilização ou não de espaços não formais de educação com seus alunos, 11 professores responderam positivamente, ou seja, 91,6% da amostra como pode ser visto no gráfico 1. Como a compreensão da questão abrange diversos espaços não formais de educação é perceptível que dentro do espectro oferecido como exemplo, há alguma utilização.

Gráfico 1. Respostas dos professores à questão: Você utiliza espaços fora da escola para suas atividades didáticas (museus, parques, jardim botânico, exposições...)?



Fonte: Respostas obtidas pela pesquisadora nos formulários do Google Form aplicados à amostra de professores investigada

Para a questão, única feita como entrevista, "O que a faz levar seus alunos a um espaço não formal de educação?" estabeleceu-se duas categorias de análises onde foi possível circunscrever as respostas das professoras entrevistadas, a categoria denominada "Aplicabilidade prática da teoria" e a outra, "Expansão dos horizontes".

Aplicabilidade prática da teoria

Nessa categoria as respostas abrangem a compreensão por parte do professor de que o ambiente de sala de aula é o lugar da teoria e o espaço não formal é o lugar da prática, onde a vida acontece. Ou de outra forma, pode-se inferir, a partir dessa concepção, que o espaço fora da escola é o que dá prazer em função de apresentar uma dimensão real do mundo, enquanto que na sala de aula se observa o mundo à distância, com lentes do marasmo e da rotina. Assim, entendeu-se que metade dos respondentes indicaram essa perspectiva em respostas diretas ou indiretas. Ou seja, levar as crianças para espaços não formais de educação serve para:

"Contextualizar as experiências vivenciadas fora do ambiente escolar com educação formal"; ou estabelecer "A relação teoria e prática"; "Para que eles vejam na prática tudo que estudamos em sala de aula e de certa forma a aprendizagem se torna mais interessante e prazerosa"; para "Relacionar a teoria com a prática trabalhada em sala"; ou ainda, para proporcionar "Conhecimentos dinâmicos e mais significativos"; e por último "Os alunos aprendem na prática e assimilam mais o conteúdo, novas experiências e sair da rotina da escola". (As expressões em itálico são as colhidas dos professores entrevistados).

Expansão dos horizontes

Nessa categoria foram classificadas respostas que se ligam à ideia de que outros espaços complementam as aprendizagens ampliando o conhecimento. Proporcionar outras vivências e experiências às crianças aporta com a ideia também de ampliação e enriquecimento de visões de mundo. Desse modo, circunscreveu-se 5 das respostas nessa categoria, respostas essas que podem ser lidas abaixo:

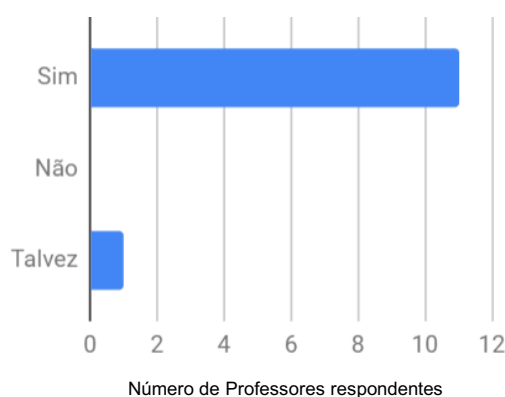
Oportuniza a “*ampliação do repertório de aprendizagem*”; “*mudar de ambiente ajuda na aprendizagem*”; proporciona o entendimento de “*que a educação acontece em todos os lugares*”; permite “*Ampliar a capacidade de aprendizagem aos meus alunos fora do âmbito escolar*”; e por último “*Possibilidades de novos aprendizados, de novas maneiras de conhecer as coisas*”. (As expressões em itálico são as colhidas dos professores entrevistados).

Houve também uma resposta de uma professora que poderia ser contida nas duas categorias, pois aporta com um entendimento que atende aos dois encaminhamentos. Mas devido ao fato de trazer componentes que a ligam ao social, se resolveu colocá-la à parte. Dessa forma, a professora sobre a importância de se utilizar espaços não formais de educação no ensino infantil assim se expressou:

“Creio que é uma excelente forma de relacionar o meio escolar com o social, sobretudo no ensino infantil que é um período de pura descoberta. Além de tudo, proporciona interação, socialização e até mesmo independência entre as próprias crianças. Quebrar a monotonia da sala de aula é algo imprescindível, e às vezes é uma alternativa para estimular/impulsionar o aprendizado da criança, pois é muito mais animador assistir uma aula de ciências diretamente da natureza (e analisando-a), do que apenas observando gravuras num livro”. (Expressão colhida de professora entrevistada).

No questionário as professoras foram solicitadas a responder se relacionavam as visitas a outros espaços, com o que os alunos estão estudando em sala de aula. As respostas podem ser vistas no gráfico 2:

Gráfico 2. Respostas dos professores à questão: Você relaciona as visitas com o que os alunos estão estudando em sala de aula?



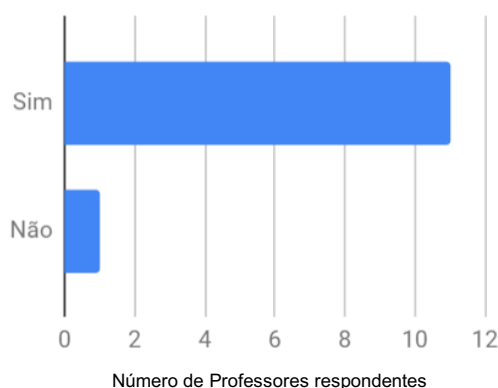
Fonte: Respostas obtidas pela pesquisadora nos formulários do Google Form aplicados à amostra de professores investigada

Como pode ser visto no gráfico 2, apenas uma professora indica que talvez relacione o que foi observado nas visitas com o que se está trabalhando em sala de aula, as demais afirmam que relacionam. Possivelmente, essa questão indique que visitas a espaços não formais possuem intencionalidades pedagógicas, uma vez que há o entendimento de parte das professoras da amostra de que os espaços não formais se prestem para aliar a teoria à prática.

As professoras também foram questionadas se enfrentavam dificuldades para visitar esses espaços? Se sim, quais?

Como respostas para essa questão, 6 professoras responderam que não encontravam dificuldades para visitas. Uma professora chegou a indicar que *"normalmente se faz parcerias com esses espaços. Há sempre flexibilidade de modo a favorecer a instituição educacional"*. Porém, as demais professoras apontam dificuldades de locomoção, alguns associados a dificuldades com a autorização da direção da escola, como apresentado por uma professora *"dependo muitas vezes da autorização da direção da escola e do meio de transporte para levar os alunos gratuitamente"*. Outras duas professoras identificam a falta de disponibilidades de todos os professores para a visita, haja vista o cuidado que devem ter na condução e na vigilância das crianças fora do espaço da escola e houve ainda uma professora que aponta dificuldades com os pais, pois *"alguns pais não gostam de atividades fora da escola"*. Essas dificuldades podem indicar a inexistência de programas dentro da Rede Pública que incentive e fomente o uso dos espaços não formais de educação na educação infantil.

Gráfico 3. Respostas dos professores à questão: Você considera que os alunos apresentam uma maior receptividade do conteúdo quando utilizado espaços não formais?



Fonte: Respostas obtidas pela pesquisadora nos formulários do Google Form aplicados à amostra de professores investigada

Em conformidade com o apontado no gráfico 1 e nas suas categorias de análises, as professoras conectam uma maior receptividade dos conteúdos quando são utilizados espaços não formais.

No questionamento “você enfrenta algum impedimento com a gestão da escola para fazer uso desses espaços não formais? Se sim, quais?” como respostas, 10 professores indicaram que não encontram dificuldades com a gestão da escola no uso dos espaços não formais de educação. Uma das professoras qualifica até sua resposta ao indicar que *“A unidade gestora proporciona meios e recursos em conformidade com a Regional de Ensino, para que esses espaços façam parte do ensino-aprendizagem”*. No entanto, 2 professoras indicaram complicações relacionadas à direção. Uma indica a existência de burocracias do sistema e uma outra professora indica que *“geralmente é muito difícil combinar saídas com o calendário pedagógico. Além disso, nem sempre há interesse da gestão em proporcionar essas atividades”*. Mais uma vez é possível inferir diante disso que não há uma unidade de conduta nos estabelecimentos de ensino nesse sentido. Sendo o fomento de atividades fora da escola em espaços não formais, iniciativas particulares das unidades.

Como última questão encaminhada aos professores foi perguntado: “você considera o uso de espaços não formais favorável para o ensino-aprendizagem do aluno da educação infantil?” Em unanimidade todas responderam positivamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De modo geral, diante do que se apresenta na pesquisa é possível tecer algumas conclusões. Primeiramente é inegável a importância que as professoras participantes da pesquisa atribuem aos espaços não formais de educação. Ligado a isso, uma boa parcela vê esses espaços como uma oportunidade de demonstrar na prática para as crianças, coisas que a escola só trata como teoria. Em segundo lugar, os espaços não formais proporcionam uma espécie de quebra de rotina na estrutura do trabalho pedagógico que desenvolve.

Como os espaços não formais de educação são diversos, a participação dos professores que acompanham as crianças ocorre de várias maneiras, desde a vigilância em preservar a integridade física dos pequenos, o amparo para que não se desgarrem e se percam ao provimento das necessidades básicas de água, alimentação, uso de banheiros entre outros. Mas, é comum a postura passiva de professores diante do que se apresenta. Já que há monitores e outros profissionais que podem funcionar como guias, se cuida apenas da vigilância. Porém, alguns atuam ativamente na interação com o que as crianças visualizam nesses espaços. Promovem o aproveitamento posterior das vivências em sala de aula, conferindo uma objetividade de intencionalidade pedagógica que seria um dos objetivos fundamentais que justificariam a utilização de espaços não formais de educação.

Foi possível perceber na pesquisa que não há programas institucionalizados voltados à promoção de visitas a esses espaços, haja vista as dificuldades que alguns encontram para arranjar transportes e outras logísticas. Seria importante investigar do ponto de vista da Rede Pública de Ensino do Distrito Federal se possuem orientações ou normas para esse fim, se existem projetos e fomento e se existirem o que faz uma escola aderir ou não.

Um dos aspectos da educação é o desenvolvimento do conhecimento associado a experiências e nesse aspecto esses espaços não formais colaboram para além da questão do conhecimento, mas também a habilidade, interação e sociabilização do mundo em que está inserido. Dessa forma, pode-se afirmar que é fundamental que o professor tenha essa visão sobre o que significa aprendizagem e como esta é importante para vida, pois assim passará a observar que estes outros espaços são espaços de recurso úteis para a aprendizagem do aluno, além de

proporcionar uma vivência em outro ambiente social. Também, como consequência, facilita a articulação com o projeto político pedagógico da escola.

A escola é um lugar privilegiado de aprendizado na nossa civilização, sendo notório que é um ambiente insubstituível, ao oferecer ao aluno um meio totalmente capacitado e voltado para seu aprendizado. Contudo, vimos que novas experiências são necessárias para o seu desenvolvimento e a visita aos espaços não formais coloca questões que facilitam o incremento do aperfeiçoamento individual das crianças. Sejam sobre ciências, temas históricos ou sociais, ou simplesmente para trabalhar conteúdos da escola dentro do contexto do mundo, da natureza e da sociedade. São espaços que podem ser aproveitados pensando na educação do aluno.

Por certo uma abrangência maior da pesquisa é uma pretensão a se alcançar, mas, em decorrência do tempo exíguo e da dificuldade de encontrar professores que se dispusessem a colaborar foi um fator limitador. Em função disso, tivemos que limitar os instrumentos investigativos. Uma boa forma metodológica de se prosseguir no futuro com uma possível continuidade dessa investigação é fazer um caminho em direção das escolas de educação infantil a partir de espaços não formais de educação. Ou seja, a visita a museus, zoológicos, jardim botânico, planetário, exposições, etc., para se consultar agendamentos e/ou registros de visitas de instituições de ensino desse seguimento, além de entrevistas a curadores e responsáveis por espaços não formais de educação sobre a ação no trabalho que fazem no atendimento a grupos de crianças, bem como a percepção do trabalho dos professores que as conduzem.

Por fim, afirmo que o conhecimento está em todos os lugares, mas para se tornar mais efetivo, formal e desafiador, tem de se articular a proposta política pedagógica da escola com os demais espaços não formais de educação.

PERSPECTIVAS FUTURAS

Finalizar a minha primeira graduação, sem sombra de dúvidas, será uma grande vitória. Digo primeira pois almejo, entre tantos outros sonhos, dar continuidade nos meus estudos, com o mestrado e doutorado, pois sei que é fundamental para o meu desenvolvimento pessoal, intelectual e profissional, como também para me capacitar a atuar para além dos espaços escolares, como hospitais, empresas, e demais instituições e espaços públicos e/ou privados.

Tenho também como perspectivas futuras a certeza de que quero ter a experiência de trabalhar com a pré-escola, uma vez que a educação infantil despertou em mim o prazer de estar em sala de aula e consequentemente, pretendo colocar em prática tudo que estudei e que defendo, assim como compartilhar com outros profissionais o quão gratificante é o uso de espaços não formais para a aprendizagem da criança.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, L.R. de.; MAHONEY, A.A. **Constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon**. Edições Loyola, 2004.

BEZERRA, M.S.H. **O espaço na educação infantil: a constituição do lugar da criança como indicador de qualidade**. Dissertação (Mestrado). Florianópolis – SC, UFSC, 2013.

BIANCONI, M. L.; CARUSO, F. **Educação não-formal**. Ciência & Cultura, v. 57, n. 4, p. 20-20, out.-dez. 2005.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei no 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil** / Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2010.

_____. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC**. Brasília, DF, 2017.

CAMPOS, M.M.; COELHO, R.C.; CRUZ, S.H. V. **Consulta sobre a qualidade da educação infantil: relatório técnico final**. Fundação Carlos Chagas – Departamento de Pesquisas Educacionais. São Paulo, 2006.

CARVALHO, M. C.; RUBIANO, M. B. **Organização do espaço em instituições pré-escolares**. In: OLIVEIRA, Zilma Moraes R. de (org). Educação infantil: muitos olhares. São Paulo, Cortez, 1994.

COOMBS, P.H.; AHMED, M. **Attacking rural poverty: how non-formal education can help**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1974.

CRESWELL, J.W. **Projeto de Pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre: Editora Artmed, 2010.

DISTRITO FEDERAL. Ministério da Educação. Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. **Currículo em Movimento da Educação Básica: Educação Infantil**. MEC, 2013.

ESHACH, H. **Bridging In-school and Out-of-school Learning: Formal, Non-Formal, and Informal Education**. *Journal of Science Education and Technology*. vol. 16, nº 2, April 2007.

FLEURI, R.M. **Perfil profissional docente no Brasil: metodologias e categorias de pesquisa**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2015.

FREGONEZE et al. **Metodologia Científica**. Londrina: Editora e Distribuidora Educacional S.A., 2014.

GARCIA, V. A. **Educação não formal: um mosaico**. In: Margareth Brandini Park; Renata Sieiro Fernandes. (Org.). Programa Curumim: memórias, cotidiano e representações. 01 ed. São Paulo: SESC São Paulo, 2015, v. 01, p. 45-70.

GIL, A.C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2011.

GOHN, M. da G. **Educação não formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas**. In: Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v. 14, n. 50, p. 27-38, jan./mar. 2006.

GONZALEZ-MENA, J. **Fundamentos da Educação Infantil: ensinando crianças em uma sociedade diversificada**. Porto Alegre: AMGH, 2015.

GRUPO DE ESTUDOS SOBRE POLÍTICA EDUCACIONAL E TRABALHO DOCENTE DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Pesquisa trabalho docente na educação básica no Brasil: sinopse do survey nacional. OLIVEIRA, D. A.; VIEIRA, L.M. F. (Coord.). Belo Horizonte, MG: UFMG, 2010. p. 88. Disponível em: <http://www.gestrado.net.br/images/pesquisas/5/SinopseSurveyNacional_TDEBB_Gestrado.pdf>. Acesso em 12 de setembro de 2018.

HERNÁNDEZ SAMPIERI, R.; FERNÁNDEZ COLLADO, C.; BAPTISTA LUCIO, M. P. **Metodologia de pesquisa**. Porto Alegre: Penso, 2013.

INSTITUTO PAULO MONTENEGRO. **Ser professor: uma pesquisa sobre o que pensa o docente das principais capitais brasileiras**. In: INSTITUTO PAULO MONTENEGRO. Estudos& Pesquisas Educacionais, São Paulo: Fundação Victor Civita, n. 1, p. 17-61, maio 2010. Disponível em: <https://abrilfundacaoovictorcivita.files.wordpress.com/2018/04/estudos_e_pesquisas_educacionais_vol_1.pdf>. Acesso em 12 de setembro de 2018.

JACOBUCCI, D.F.C. **Contribuições dos espaços não-formais de educação para a formação da cultura científica**. In: Em Extensão. Uberlândia, v. 7, 2008.

KRAMER, S.; NUNES, M. F. R.; CORSINO, P. **Infância e crianças de 6 anos: desafios das transições na educação infantil e no ensino fundamental**. Educação e Pesquisa, Brasil, v. 37, n. 1, p. 69-85, abr. 2011. ISSN 1678-4634.

Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ep/article/view/28272/30114>>. Acesso em: 28 out. 2013. doi: 10.1590/S1517-97022011000100005.

LIBÂNEO, J.C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994. 262 p.

_____. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** 12. Ed. São Paulo: Cortez, 2010.

_____. **Ainda as perguntas: o que é pedagogia, quem é o pedagogo, o que deve ser o curso de pedagogia**. In: PIMENTA, S. G. (Org.). **Pedagogia e pedagogos: caminhos e perspectivas**. São Paulo: Cortez, 2002.

LISBOA, A.M. **A universalização das creches: Riscos a serem considerados**. Apresentado na VIII Semana de Valorização da Primeira Infância e Cultura da Paz Senado Federal, 2015. Disponível em <<https://www12.senado.leg.br/institucional/programas/primeira-infancia/artigos/artigos-ano-2013-1/a-universalizacao-das-creches-riscos-a-serem-considerados-antonio-marcio-lisboa-ano-2013>>. Acesso em 6 de outubro de 2018.

LORENZETTI, L.; DELIZOICOV, D. **Alfabetização científica no contexto das séries iniciais**. Disponível em: Revista Ensaio, v. 03, p. 45-61. Belo Horizonte, 2001.

MORAND-AYMON, B. **Olhares cruzados sobre educação não formal**: Análise de práticas e recomendações. Motivar os Adultos para a aprendizagem. União Europeia: Educação e Cultura, 2007.

MARTINS, R. de C. **A organização do espaço na educação infantil : o que contam as crianças?** Rev. Diálogo Educ., Curitiba, v. 11, n. 32, p. 37-56, jan./abr. 2011

MEDRICH, E. A.; ROIZEN, J.; RUBIN, V.; BURCKLEY, S. **The serious business of growing up**. University of California Press, Berkeley, 1982.

OLIVEIRA, R. I. R. **A utilização e espaços não-formais de educação como estratégia para a promoção de aprendizagens significativas sobre a evolução biológica**. Dissertação (Mestrado). Instituto de Ciências Biológicas. Universidade de Brasília. Brasília, 2011.

OLIVEIRA, R. I. R.; GASTAL, M. L. de A. **Educação formal fora da sala de aula – Olhares sobre o ensino de ciências utilizando espaços não formais**. Encontro Nacional de Pesquisa em Educação de Ciências. Florianópolis, 2009.

OLIVEIRA, Z. de M. R. de. **Educação Infantil: fundamentos e métodos**. Docência em formação. 7o edição. São Paulo: Cortez, 2011.

PARK, M. B.; FERNANDES, R. S. **Programa Curumim: Memórias, cotidiano e representações**. São Paulo: Edições SESC, 2015.

PINHAIS, Secretaria Municipal de Educação de. **Proposta Pedagógica Curricular - Educação Infantil**. Pinhais – Paraná: SEMED, 2013.

PORTO, F.S.; ZIMMERMANN, E.; HARTMANN, Â.M. **Exposições museológicas para aprendizagem de física em espaços formais de educação: um estudo de caso**. Cad. Bras. Ens. Fís., v. 27, n. 1: p. 26-62, abr. 2010.

PRETTO, N. de L. **A ciência nos livros didáticos**. Campinas: Editora da Unicamp/Salvador: Editora da UFBA, 1995.

QUEIROZ, R.M. de. Et al. **A caracterização dos espaços não formais de educação científica para o ensino de ciências**. In: Revista Amazônica de Ensino de Ciências. Manaus, v. 4, n. 7, p. 12-13, ago./dez. 2011.

SCHITZ, J.; SKRSYPCSAK, D. **Organização dos espaços na educação infantil**. 6º SMIC, Seminário de Iniciação Científica do Curso de Pedagogia, 16 de outubro de 2015. Caderno de Resumos Expandidos, RES5. Disponível em: <<http://faifaculdades.edu.br/eventos/SEMIC/6SEMIC/arquivos/resumos/RES5.pdf>>. Acesso em 2 de agosto de 2018.

SEVERINO, A.J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

TIRIBA, L. **Educação e Vivência do espaço: diálogos entre a arquitetura e a pedagogia**. In: TV ESCOLA - Salto para o Futuro, Ano XVIII, Boletim 04, abril de 2008.

_____. **Diálogos entre a arquitetura e a pedagogia: educação e vivência do espaço**. Salto para o Futuro, v. 04, 2008.

APÊNDICE

Apêndice 1

Modelo do questionário aplicado aos professores

Uso de espaços não formais na educação infantil

Meu nome é Julyane Ribeiro Rocha, sou graduanda do curso de Pedagogia pela Universidade de Brasília – UnB. Estou realizando uma pesquisa para o meu trabalho de finalização de curso, cujo o tema é educação em espaços não formais, orientado pelo Prof. Dr. Hélio José Santos Maia. O presente questionário tem por finalidade analisar e compreender a intenção das professoras da educação infantil quando esta propõe uma visita a um espaço não formal de educação. Não há resposta certa ou errada, todos os dados são importantes para saber como professores fazem uso do espaço não formal; quais os objetivos da visita e algumas dificuldades enfrentadas para realiza-la.

Agradeço sua colaboração.

Endereço de e-mail:

Qual sua área de formação?

- ☐ Pedagogia
- ☐ Outros: _____.

Você utiliza espaços fora da escola para suas atividades didáticas (museus, parques, jardim botânico, exposições...)?

- ☐ Sim
- ☐ Não

Você relaciona as visitas com o que os alunos estão estudando em sala de aula?

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Talvez

Você enfrenta dificuldades para visitar esses espaços? Se sim, quais?

Você considera que os alunos apresentam uma maior receptividade do conteúdo quando utilizado espaços não formais?

☐ Sim

☐ Não

Você enfrenta algum impedimento com a gestão da escola para fazer uso desses espaços não formais? Se sim, quais?

Você considera o uso de espaços não formais favorável para o ensino-aprendizagem do aluno da educação infantil?

☐ Sim

☐ Não